

A CONDIÇÃO CARCERÁRIA E A RIQUEZA DA EXPERIÊNCIA DA ETNOGRAFIA CRÍTICA



THE PRISON CONDITION AND THE RICHNESS OF THE
EXPERIENCE OF CRITICAL ETHNOGRAPHY

Matilde Quiroga Castellano
Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social | Florianópolis, Brasil
q_matilde@hotmail.com | ORCID iD: 0000-0002-1936-6016

FASSIN, Didier. 2019. *A Sombra do Mundo: uma Antropologia da Condição Carcerária*. São Paulo: Editora Unifesp. 480p.

Chega em português mais uma obra do antropólogo, sociólogo e médico francês Didier Fassin, traduzido por Rosemary Costhek Abílio para a Editora Unifesp. O livro, publicado em sua versão original na língua francesa no ano de 2015, foi publicado no Brasil no ano de 2019 em um volumoso exemplar de 480 páginas.

A edição está organizada em onze capítulos através dos quais o autor discorre e analisa a Condição Carcerária na França atual, se posicionando desde uma antropologia moral e política. Cabe destacar que todos os capítulos começam com uma atinada epígrafe de poucas linhas de autores clássicos que

antecipam de maneira introdutória qual será o assunto do capítulo¹.

A pesquisa e as análises que Fassin apresenta através do seu texto tiveram como insumo um trabalho etnográfico de quatro anos (de 2009 a 2013), ao longo do qual o autor acompanhou instâncias judiciais e prisionais, sendo o lócus principal da pesquisa uma prisão de curta permanência, situada em uma grande aglomeração urbana francesa. Ao longo da narrativa, o autor recupera discursos, falas e ações de juízes², promotores, agentes penitenciários, advogados e detentos que foram vivenciadas nesses âmbitos. A particularidade de seu trabalho se encontra na percepção de que longe de considerar o mundo da prisão como fechado, Fassin discorre sobre como os sujeitos mencionados, junto com o mundo social, acabam interferindo e produzindo o fenômeno prisional.

Nos *Agradecimentos* do livro o antropólogo francês deixa explicitado o respeito que terá ao manter o anonimato de seus interlocutores e a confidencialidade do trabalho de pesquisa realizado. Aqui o autor também aproveita para agradecer o financiamento e apoio da pesquisa que é produto de um prêmio que ganhou em 2009, no âmbito do programa “Ideias do Conselho Europeu de Pesquisa”.

Durante o *Prólogo, É Aqui Que Tudo Começa*, Fassin explicita uma ideia que acompanhará o resto do livro, que a seleção da população carcerária começa na rua, as práticas policiais estabelecem que sujeitos serão alvo de ingresso no sistema de justiça penal, delimitando assim com essa ideia uma profunda vinculação entre a punição e a desigualdade. Para o antropólogo francês, a prisão é produto do trabalho de policiais, juízes e promotores; de jornalistas e cineastas e da sociedade através da “opinião pública”. Nesse sentido Fassin ressalta que a instituição penitenciária também é produto de seu meio e das ideias que permeiam sua época. Ele pondera

¹É importante assinalar que as notas de cada capítulo se encontram no final do livro, o que em alguns casos pode dificultar a leitura, ainda mais considerando a densidade do volume.

²Faz-se necessário explicitar que o texto do livro está escrito em masculino universal, sem uso do que se denomina linguagem inclusiva. Deve ser considerado que a grande maioria dos interlocutores de pesquisa são homens e que a população da prisão em que foi realizada a etnografia é composta por homens adultos. Nos casos de interlocutoras mulheres elas foram apresentadas através do uso do artigo feminino. Por esses motivos foi decidido continuar fiel ao texto e colocar nesta resenha a generalidade dos sujeitos no masculino.

que a prisão não poderia ser considerada separada do meio social em que ela se desenvolve e com o qual guarda uma estreita vinculação.

Na introdução, *A Extensão do Mundo Carcerário*, Fassin recupera como insumo fundamental da análise do mundo das prisões, a trajetória histórica do dispositivo de encarceramento, prática que junto com a recuperação de dados de prisões dos Estados Unidos, se repete em alguns capítulos do livro. Por sua vez o autor destaca que para compreender a demografia prisional se faz necessário reconstruir as experiências que acontecem antes de sua intervenção, em outras palavras recuperar qual o caminho que se trilha até chegar à prisão. Neste sentido, o livro recuperará uma série de agentes e instituições (entre eles justiça, polícia, governantes etc.) que são os que determinam quem deve ser encarcerado e o porquê, uma vez que a definição do que se constitui como um crime deve ser considerada sempre em sua dimensão relacional.

No primeiro capítulo, *Encher, Dizem Eles*, Fassin traz uma discussão sobre o contínuo aumento da população carcerária na França a partir da década dos anos 1980. Destaca a superlotação atual nas prisões do país e se pergunta se a justiça aprisiona excessivamente ou se as instituições são insuficientes para atender a necessidade de encarceramento. O autor demonstra que essa situação é resultado de fenômenos como a cultura do encarceramento e o desenvolvimento da sociedade punitiva, que cristaliza no dispositivo penal, além da diversidade de práticas dos agentes do mundo carcerário, as políticas penais, as decisões judiciais e a “opinião pública”, entre outros.

No segundo capítulo, *Um Segredo Público Bem Guardado*, a noção do segredo surge para invocar tanto um ato de poder quanto a ideia de impotência, em que se esconde aquilo sobre o que não se fala ou sobre o que não se aciona. O segredo ao qual o autor faz referência é a abrasadora representação de minorias etnicorraciais no sistema carcerário francês, particularmente de negros e árabes, que atravessados por marcadores sociais da diferença como raça, origem classe e segregação social ocupam desproporcionalmente as prisões francesas. Fassin evidencia uma duplicidade do fenômeno, que aparece ao mesmo tempo como social e penal, reforçando a ideia de que as instituições judiciais recebem sujeitos que já estavam destinados a serem alvo do sistema punitivo.

No terceiro capítulo, *Vós que entráis*, o autor traz uma categoria interessante: “choque do encarceramento”. Neste capítulo, Fassin descreve os protocolos de ingresso na prisão e como através deles se pretende aliviar o temido choque, adiando por algum tempo o momento do contato com a realidade carcerária mais extrema. Essa fase que o autor caracteriza de liminar, regulada a partir de normas da União Europeia consiste numa estadia breve em uma área para ingressantes à prisão, em uma entrevista e na entrega de materiais de higiene. Fassin questiona se esse momento traz mais alívio para o sistema do que para os detentos, que embora reconheçam as “vantagens” do espaço, nesse momento estão em geral vivenciando sentimentos de injustiça em relação à pena e a sua execução.

O quarto capítulo é intitulado como *A Vida na Prisão, Modo de Usar*. Ao longo dele o autor caracteriza o universo carcerário como um espaço-tempo, um espaço confinado para um tempo reduzido, duas características indissociáveis entre si, em que se incorpora a dimensão sensorial. Através das falas de seus interlocutores percebe como a experiência carcerária imprime nos corpos uma inutilidade do tempo, uma perda dele, o que coloca diretamente em xeque o sentido da pena, principalmente para os sujeitos encarcerados.

A partir do quinto capítulo, *Pela força das Coisas*, o autor traz interessantes reflexões sobre a vida dos objetos dentro da prisão, entendendo o espaço como um universo material em que os objetos têm uma vida social e um significado político. O grande exemplo trabalhado por Fassin é o telefone celular, que por estar proibido dentro da prisão tem seu valor realçado como um capital simbólico, econômico e social. Através das ideias apresentadas neste capítulo, Fassin mostra como os objetos cobram vida a partir do lugar que ocupam nas relações sociais.

No sexto capítulo, *Uma Profissão em Busca de Honra*, Fassin aborda a profissão de agente penitenciário. Por um lado, analisa seu vínculo com a sociedade, uma profissão estigmatizada e desvalorizada pela mesma, e por outro, descreve seu vínculo com os detentos e a distância social que os separa. Embora detentos e agentes penitenciários estejam muito perto no mundo carcerário, a distância se vê aprofundada pela indiferença cognitiva que separa as experiências desses dois sujeitos.

No sétimo capítulo, *A Violência, Sempre Recomeçada*, o antropólogo discorre sobre as violências que atravessam o cotidiano da vivência carcerária, em que a masculinidade e uma moral viril regulam os vínculos entre detentos e entre agentes e detentos, numa dinâmica em que a violência institucional tem um papel protagonista.

No oitavo capítulo, *As Intermittências dos Direitos*, Fassin reflete sobre os direitos a que podem aceder os detentos durante o período de seu confinamento. Neste sentido descreve as possibilidades reais que alguns sujeitos encarcerados têm de receber auxílio financeiro, um emprego dentro da instituição ou acesso à educação. Esses direitos se localizam numa zona de incerteza no espaço social, em que o efetivo exercício deles depende de uma série de fatores muitas vezes alheios às vontades dos diferentes sujeitos, tais como recursos e domínio das burocracias.

No nono capítulo, *Lá Tudo é Ordem e Segurança*, o pesquisador mostra como a segurança ocupa um lugar de centralidade dentro da instituição prisional, como esta se equilibra entre a preocupação pela manutenção da ordem e a dignidade dos detentos. Por meio deste capítulo, o autor mostra com nítidos exemplos etnográficos os esforços que são produzidos para conservar esse equilíbrio entre a ordem e a segurança, dois termos que se apresentam como indissociáveis para a vida na prisão.

No penúltimo capítulo, intitulado *Depois de Punir é Preciso Punir de Novo*, é apresentada a evolução do dispositivo que tem sido criado dentro das prisões para aplicar “justiça”. Através desse dispositivo o julgamento ocorre em relação a faltas que os detentos são acusados de cometer sob sua situação de encarceramento. Através de sua pesquisa de campo, Fassin percebeu como punir virou norma nesse âmbito a partir da centralidade que ocupa a “ala disciplinar”, que o autor caracteriza como uma das aberrações que ainda se mantém no mundo prisional.

O último capítulo, *É Preciso Saber Terminar uma Pena*, iniciasse com a frase “A prisão prepara a pessoa para o reencarceramento...”, a mesma deriva da fala de um detento que resume o assunto que será abordado. Nesse eixo, Fassin analisa os efeitos que o encarceramento tem na vida de muitos detentos, tais como a ruptura de redes familiares, a perda de emprego, ao mesmo tempo que uma ressocialização em meios

desviantes que acabam sendo insumo para um prognóstico desfavorável à hora de suas liberações. Assim, o antropólogo reconhece que para o Estado parece ser mais fácil encarcerar do que gerar condições adequadas para a libertação.

Na conclusão do livro, *O Que Enclausurar Significa*, o autor recupera várias das ideias desenvolvidas ao longo dos capítulos. Entendo que algumas de suas contundentes críticas devem ser resgatadas, a começar pela conclusão de que o paradigma carcerário se restringe na atualidade a uma única função: o castigo. Nesse sentido, para Fassin a condição carcerária contemporânea é ao mesmo tempo moral e política. É moral pela centralidade que a punição ocupa na justificativa de existência da prisão, e por sua vez é social porque a condição carcerária se caracteriza por uma presença notável de detentos que pertencem a segmentos inferiores da sociedade francesa contemporânea.

Finalmente, no Epílogo, *A Etnografia Redescoberta e o Posfácio da Segunda Edição Francesa: Retrato do Etnógrafo quando Crítico*, o autor dedica pouco mais de vinte páginas para realizar uma defesa fervorosa à etnografia crítica e à pesquisa antropológica. Para Fassin a etnografia é uma experiência humana de encontro com os outros, de passar tempo com os outros, e reconhece que sua potência deve estar nutrida por um olhar histórico, uma abordagem sociológica, uma dimensão cultural e uma dimensão política. A etnografia, como modalidade particular das Ciências Sociais, como forma original de crítica social, é para o autor um veículo para compreender e para ajudar a fazer compreender os fenômenos que estudamos. Por último, é importante destacar o papel que o autor outorga às motivações afetivas, uma vez que para Fassin na experiência etnográfica são essenciais o espanto e a indignação, e através deles é que podemos ser capazes de nos aproximar do mundo dos outros, e recuperar e viralizar suas vozes.

Este é um texto que nos aproxima à crueza e à humanidade da condição carcerária, nutrido essencialmente pelas palavras dos sujeitos que a transitam. Ao mesmo tempo é um belo exemplo da força e da potência de um trabalho etnográfico preocupado em garantir uma visão crítica dos fenômenos complexos nos quais nossos interlocutores transitam suas existências.

Recebido em: 05/05/2021
Aceito em: 06/06/2021